



MEMÓRIA ORAL DO CATIVEIRO NA REGIÃO DA ANTIGA COMARCA DO RIO DAS MORTES: CARRANCAS – MINAS GERAIS¹

Marcos Andrade²

Introdução

O trabalho tem por objetivo apresentar resultados bem preliminares de pesquisa relativos à memória oral do cativo, coligidos a partir da realização de entrevistas com alguns moradores do município de Carrancas, localizado no estado de Minas Gerais³. Até momento já foram realizadas mais de uma dezena, sendo que algumas delas também foram filmadas, com vistas à futura produção de escritas videográficas, que contemplarão múltiplos aspectos do passado escravista na região, bem como a história individual dos entrevistados. Para o presente texto, selecionei apenas a que foi realizada com o Senhor Pedro José da Cruz, benzedor, natural de Lavras e morador de Carrancas, que apresenta referências explícitas ao passado escravista, particularmente se considerarmos parte de suas memórias de infância rememoradas a partir da convivência com sua bisavô paterna, que ainda alcançara o tempo do cativo. Embora não esteja contemplado neste texto, constitui meu objetivo trabalhar com a memória dos descendentes dos escravizados e também das famílias senhoriais que ainda vivem na região. Registrar, complementar e até mesmo contrapor tais narrativas permitirão não só captar a multiplicidade dos registros e de vozes do passado, bem como uma compreensão mais ampla do que representou a escravidão naquela área e como os atuais moradores lidam com os fragmentos dessa memória.

Em termos historiográficos, desde a década de 1980, foi considerável o avanço das pesquisas acerca da importância da escravidão na formação socioeconômica, política e cultural do sudeste e de outras regiões da Colônia/Império, ao longo dos séculos XVIII e XIX⁴, que ainda tem

¹ Texto apresentado no 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba (UFPR), de 13 a 16 de maio de 2015. Anais completos do evento disponíveis em <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/>

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF e professor do curso de História da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ. E-mail. marcos.andrade@pq.cnpq.br

³ A pesquisa está sendo realizada com o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico – CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

⁴ Sem a pretensão de elencar todos os trabalhos, destaco os seguintes: LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação*. São Paulo: Símbolo, 1979; MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982; SLENES, Robert. *Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Campinas: Cadernos IFCH/Unicamp, n° 17, jun. 1985. LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista*: Minas



sido um terreno fértil de investigação. A dinâmica interna da sociedade foi ricamente documentada, demonstrando não só a importância econômica da escravidão fora das áreas de *plantation*, bem como a dependência do tráfico internacional para a renovação das escravarias e a constituição de grandes unidades escravistas com atividades econômicas voltadas para o abastecimento interno. Assim como em outras capitanias/províncias, este foi o caso de Minas Gerais, particularmente em fins do século XVIII e, sobretudo, ao longo da primeira metade do século XIX. Já na década de 1830, Minas Gerais se configurava como a província que detinha a maior população escrava do Império. Uma grande parte dos cativos que desembarcava no porto do Rio de Janeiro tinha como destino a província de Minas Gerais. Segundo João Luís Fragoso, entre 1825 e 1833, Minas Gerais absorveu nada menos que 48% da população africana que chegava ao Brasil através do porto carioca, contrastando com as áreas exportadoras do vale do Paraíba e do Norte Fluminense, que, juntas, absorviam 36,5% dos cativos importados⁵.

Algumas comarcas, como por exemplo, a do Rio das Mortes, desde o século XVIII já se destacava como uma área voltada para as atividades agropastoris e de abastecimento interno, embora aquelas fossem realizadas concomitantemente com a mineração, com larga utilização de mão de obra escrava. Os estudos consolidados sobre a região destacam a dependência da escravidão e a importância do trabalho escravo para a lida nas fazendas, que envolvia desde a produção agrícola, produção de queijos, criação de gado *vacum*, muares, suíno e lanígero, bem como a comercialização de uma diversidade de gêneros com as províncias limítrofes, particularmente com a cidade do Rio de Janeiro⁶. Muitas das grandes propriedades e fortunas de algumas famílias da comarca do Rio das Mortes foram construídas com base no trabalho escravo, além do envolvimento

Gerais no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1988; LUNA, Francisco Vidal e CANO, Wilson. *Economia escravista em Minas Gerais*. Campinas: Cadernos IFCH/Unicamp, 1983.

⁵ FRAGOSO, João Luís Ribeiro. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998, p. 177.

⁶ Ver, dentre outros: LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação*. São Paulo: Símbolo, 1979; BERGARD, Laird W. *Slavery and the demographic and economic history of Minas Gerais, Brasil, 1720-1888*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999; GRAÇA FILHO, Afonso Alencastro. *A princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*. São Paulo: Annablume, 2003; BRÜGGER, Sílvia M. Jardim. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João del Rei, séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007. ALMEIDA, Carla. *Ricos e pobres em Minas Gerais: produção e hierarquização social no mundo colonial, 1750-1822*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010; ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado Imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.



de alguns proprietários no comércio de tropas e, inclusive, de revenda de escravos no interior de Minas⁷.

Se as pesquisas mais recentes e circunstanciais para algumas vilas da antiga comarca do Rio das Mortes só vêm confirmando as hipóteses elencadas por estudos anteriores, salta aos olhos a quase inexistência de estudos que lidam com o passado e a memória oral do cativo na região. É fato que se considerarmos a realidade brasileira, estudos dessa natureza são relativamente recentes e tem a ver com a própria conjuntura, democratização e a história política do país e a constituição de centros de pós-graduação em História e a profissionalização da área, que remontam ao início da década de 1980 e que, nas dimensões desse texto, não cabe maior aprofundamento. Se comparados com outros países, como por exemplo, os EUA, a preocupação em registrar a memória oral dos ex-escravos e de seus descendentes iniciou-se nos anos 30 do século passado⁸. E uma das justificativas para a realização dessa empreitada é porque ainda existe uma memória da escravidão na extensão do que foi a antiga comarca do Rio das Mortes, não só pela existência de algumas comunidades descendentes de escravos, mas também de fragmentos e referências ao passado escravista na fala dos moradores da região, tanto no caso de descendentes dos escravos quanto dos senhores. No caso específico de Carrancas, ainda constitui meu objetivo investigar a memória oral da revolta dos escravos que ocorreu nas fazendas Campo Alegre e Bela Cruz, ambas da família Junqueira⁹. Apesar da dramaticidade do acontecimento, e até mesmo de certo constrangimento ao abordar o fato, a memória da insurreição tem aparecido na fala dos entrevistados.

Para a região da comarca do Rio das Mortes, algumas pesquisas que articulam as fontes manuscritas e a memória do cativo já foram objetos de investigações e têm demonstrado resultados expressivos, não somente em termos acadêmicos, mas também o que esses estudos podem significar para as comunidades analisadas. Conforme já foi destacado anteriormente, os estudos regionais sobre a escravidão no século XIX já se encontram bastante consolidados, mas em

⁷ Vários fazendeiros/negociantes estiveram envolvidos com o tráfico interprovincial. Este foi o caso de alguns membros da família Junqueira. Ver: ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado Imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014. p. 229-298.

⁸ Conforme destaca Stuart Schwartz, já em 1929, a Fisk University e a Southern University, da Louisiana iniciaram a coleta de narrativas de ex-escravos. E em 1938, o Federal Writers Project coordenou iniciativas locais e regionais, resultando na coleta de mais de 2000 entrevistas, que foram publicadas em 17 volumes, sob o título *Slaves Narratives: A Folk History of Slavery in the United States from Interviews with Former Slaves*. Ver. SCHWARTZ, Stuart. Prefácio. In: RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe Maria. *Memória do cativo: família, trabalho e cidadania*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 7-12.

⁹ Idem. p. 334-358.



relação ao pós-abolição e ao registro da memória oral há muito a ser feito. Tive a possibilidade de orientar, recentemente, dois trabalhos acadêmicos que demonstraram resultados significativos, na medida em que articularam a pesquisa documental com os registros orais, permitindo não só a comprovação e confrontação dos dois tipos de registros, mas também uma maior densidade de análise histórica. O primeiro trata-se de um trabalho de iniciação científica, realizado por Kátia Sousa que investigou as narrativas sobre o tempo do cativo a partir da realização de entrevistas com alguns moradores mais antigos das comunidades do Palmital e Jaguará, localizadas no município de Nazareno. No caso específico da comunidade do Jaguará, a autora encontrou evidência documental de doações de terras a cativos e libertos da Fazenda Jaguará, em testamento realizado em 1873, e que teria dado surgimento à referida comunidade. Ainda que de forma fragmentada, as narrativas orais acabaram confirmando que as terras haviam sido doadas por uma senhora. Outros aspectos como a importância dos laços familiares, as relações de trabalho e mesmo uma memória sobre o tempo do cativo foram analisadas a partir da fala dos entrevistados¹⁰.

O outro estudo, de maior fôlego, com resultados impressionantes, trata-se da história da comunidade de negros que havia na localidade denominada Serra dos Pretos, na freguesia de Camanducaia, comarca do Rio das Mortes, no extremo sul de Minas, realizado por João Lucas Rodrigues. O autor pode acompanhar a trajetória dos escravos, pertencentes à família Maia, entre o cativo, a constituição de laços familiares e as experiências de liberdade e a formação da comunidade da Serra dos Pretos, através da doação das terras feita pela ex-proprietária, poucos meses antes da abolição. O autor conseguiu reconstituir a trajetória dos escravos e seus descendentes, a importância dos vínculos familiares e o significado dos nomes entre eles, além da formação e da desintegração da comunidade da Serra dos Pretos ao longo do século XX, principalmente a partir da década de 1960, quando os descendentes da comunidade começaram a perder as suas terras, em virtude das mudanças nas leis fundiárias do país. Trata-se de um trabalho memorável, pois nos permite acompanhar a história da comunidade da Serra dos Pretos, primeiramente na condição de escravos, e, posteriormente, no pós-abolição e sua luta pela sobrevivência ao longo do século XX, a manutenção de determinados valores comunitários, da experiência da liberdade e do trabalho camponês até a sua desintegração. Certamente, se não houvesse um trabalho criterioso de pesquisa, de articulação das fontes manuscritas com a memória

¹⁰ SOUSA, Kátia Maria. Narrativas do tempo do cativo: memória oral e escravidão no Sul de Minas. *Anais do Congresso de Iniciação Científica da UFSJ*. São João del-Rei – 18 a 22 de novembro de 2013, p. 1-20.



oral, jamais essa história poderia ter sido registrada e a história dessa comunidade se perderia com os ex-moradores e descendentes da comunidade da Serra dos Pretos¹¹.

Memória oral do cativo no município de Carrancas

Desde junho do ano passado tenho iniciado um trabalho de registro da memória oral no município de Carrancas, através da realização de entrevistas com os moradores mais antigos do município e daqueles que guardam alguma memória do tempo do cativo, pelo fato de alguns deles serem descendentes de escravizados e também de famílias de senhoriais que ainda habitam a região.

A pesquisa em curso será bem mais ampla, pois pretendo investigar não só a memória oral da *Revolta de Carrancas*, que ainda se encontra parcialmente presente na narrativa dos descendentes da família de Junqueira e de alguns moradores dos municípios de Carrancas, São Tomé e Cruzília, mas também de aspectos relacionados à representação do tempo do cativo, dos costumes e valores comunitários, das relações de trabalho que ainda se encontram presentes nas narrativas dos moradores mais antigos da área em estudo.

Do ponto de vista metodológico, sem dúvida alguma, a obra de Paul Thompson continua sendo uma das principais referências para a produção de pesquisas que utiliza a história oral. Suas recomendações e cuidados na preparação das entrevistas continuam valendo para qualquer pesquisador que vá se utilizar de entrevistas. Estas devem ser realizadas depois de se obter informações básicas sobre os entrevistados e ter em mente o que se pode esperar delas. O autor também discorre sobre a forma de realização das entrevistas: “conversa livre” ou mediante “questionário” de perguntas pré-definidas. Mas como reitera o autor, a entrevista totalmente livre não existe, pois o pesquisador quase sempre necessita esclarecer algum aspecto que não está pré-estabelecido no roteiro. Partindo dessas orientações, consideramos que seja mais oportuno proceder

¹¹ RODRIGUES, João Lucas. *Serra dos Pretos: trajetórias de famílias entre o cativo e a liberdade no Sul de Minas (1811-1960)*. Dissertação de Mestrado. São João del-Rei: Programa de Pós-Graduação em História, 2013.



as entrevistas de forma mais livre, mas com um roteiro básico de perguntas para orientar a coleta de informações dos entrevistados¹².

Em relação à especificidade da história oral e das reflexões em termos éticos e da relação entre o pesquisador e o entrevistado e dos resultados da pesquisa, as considerações de Alessandro Portelli são de extrema pertinência. Como observa o autor, “*entre/vista* significa *olhar entre*: é uma troca de olhares. (...) O que realmente torna significativa a história oral é o esforço de estabelecer um diálogo entre e para além das diferenças”. Essa dimensão dialógica e de alteridade da história oral é algo de suma importância e é próprio desse tipo de fonte e cabe ao pesquisador estar muito atento a estes aspectos. E a entrevista é sempre uma experiência de aprendizado. “(...) o pesquisador pode ter uma série de títulos acadêmicos e o narrador pode ser analfabeto, mas é este quem possui o conhecimento que buscamos. Temos tudo a ganhar com os ouvidos abertos¹³.”

Em relação aos estudos específicos sobre a escravidão que utilizam a história oral como fonte de pesquisa, cabe citar o empreendido por Ana Lugão Rios e Hebe Maria Mattos, ao discutir a memória do cativo construída pelos descendentes de escravos. Se desde a década de 1980 ampliou-se a utilização de diversos tipos de fontes escritas sobre o passado escravista brasileiro e inovações de caráter metodológico e interpretativo, tem crescido também o interesse em investigar esse objeto a partir da memória dos descendentes de escravos. Em artigo publicado em 1998, Hebe Mattos já questionava os motivos que teriam levado à falta de interesse por se colher esses relatos anteriormente, em especial na primeira metade do século XX, quando muitos ex-escravos ainda estariam vivos. Segundo a autora, a leitura dos relatos permitiu-lhe constatar “uma rara abordagem sobre a historicidade das disputas simbólicas em torno das designações raciais no Brasil e de suas relações com os processos de definição de identidades sociais e com a memória do cativo¹⁴”.

Pretende-se partir dos mesmos pressupostos analíticos presentes no estudo empreendido por Hebe Mattos e Ana Lugão Rios, na medida em que as autoras procuraram valorizar as narrativas

¹² THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 292. Em relação à historiografia brasileira há de destacar o trabalho desenvolvido pelo CPDOC e particularmente à coletânea de artigos organizada por: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Existem também alguns manuais que orientam a realização de pesquisas que a oralidade como fonte de pesquisa de caráter histórico. Ver: MEHY, Jose Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007; ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

¹³ PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. p. 213.

¹⁴ A autora se baseia em entrevistas de descendentes de ex-escravos colhidas em projetos distintos, como os do projeto “Memória da Escravidão em famílias negras de São Paulo” cujas transcrições se encontram no Centro de Apoio à Pesquisa em História Sérgio Buarque de Holanda (FFCLH-USP) e do acervo Memórias do Cativo – LABHOI- UFF. Ver MATTOS, Hebe. Os Combates da Memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros. *Tempo*, Niterói, Vol. 3, no. 6, 1998, p. 121.



dos descendentes dos escravos (muitos deles não tiveram contato direto com o cativo) e como essas memórias podem ser exploradas, incorporadas e relativizadas, se considerarmos o contexto e o cotidiano da sociedade escravista, largamente discutida pela historiografia nas últimas décadas. Para fins de análise do material coletado, tenho procurado contrapor os relatos dos entrevistados com a documentação de época e, em que medida, essa memória guarda elementos de aproximação com os fatos ocorridos e também as prováveis alterações, acréscimos e omissões¹⁵. Mas também não se trata apenas de uma confrontação de registros e sim de considerar a especificidade e a importância da fonte oral e considerar em que medida a complementação e do diálogo entre as fontes permitem elucidar um quadro mais complexo do passado e sua de relação com o presente.

Como referi anteriormente, constata-se uma grande lacuna em relação a esse tipo de investigação para a antiga comarca do Rio das Mortes e de sua parte mais ligada ao Sul de Minas. As potencialidades para esse tipo de investigação já foram mencionadas através dos resultados de das pesquisas citadas, empreendidas por Kátia Sousa e João Lucas Rodrigues.

Dentre as entrevistas selecionadas para uma análise preliminar destaco a do Senhor Pedro José da Cruz, natural de Lavras e morador na cidade de Carrancas desde a infância. O Senhor Pedro, com idade de 80 anos, é bastante conhecido na cidade por exercer o ofício de benzedor, que exerce há muitos anos, o que lhe confere grande estima, respeito e gratidão por parte da comunidade de Carrancas. Quando perguntado sobre os seus antepassados, principalmente sobre seus bisavós, informou que havia conhecido sua bisavó paterna, Gerônima Bárbara de Jesus, e que esta teria vivido parte do de sua vida na condição de escrava, na antiga fazenda do Bananal. Segundo suas próprias palavras ela teria sido “negra escrava (...) Aqui na fazenda Boa Vista, do Engenho. Já ouviu falar? Bananal? Foi escrava dali. Porque a escravidão aqui em Carrancas era ali, a sede. (...)”¹⁶ Numa primeira resposta, a sua afirmativa oscilou entre uma fazenda e outra, também se reportando à fazenda Boa Vista e a do Engenho (todas fazendas antigas da região e que se utilizaram largamente da mão de obra escrava), mas depois confirmou que teria sido na fazenda do Bananal que sua bisavó teria trabalhado como escrava.

O fato de reforçar que a escravidão teria começado na fazenda do Bananal talvez esteja diretamente relacionado à memória familiar e às histórias que sua bisavó contava. Desde meados do

¹⁵ MATTOS, Ana Maria Lugão & MATTOS, Hebe Maria. *Memória do cativo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

¹⁶ Entrevista, realizada pelo autor, com o Senhor Pedro José da Cruz, no dia 19 de junho de 2014, em sua residência, na cidade de Carrancas.



século XVIII e, principalmente, no século XIX, a região de Carrancas concentrou um número significativo de grandes propriedades ligadas ao abastecimento interno e com um significativo contingente de escravos oriundos da África Centro-Occidental, em sua maioria. Vestígios desse passado ainda podem ser vistos na paisagem rural do município, onde se encontram algumas sedes de fazendas que denotam um tempo de prosperidade e de fortuna, apesar da rusticidade das construções iniciadas na segunda metade do século XVIII e outras construídas na primeira metade do século XIX.¹⁷ Apesar de bastante decadente, a fazenda do Bananal ainda se conserva de pé, e indica que, em tempos de outrora, ali o trabalho escravo teria sido de fundamental importância para o desenvolvimento das atividades diárias da propriedade.

Segundo as informações do Senhor Pedro, sem precisar muito bem a idade, sua bisavó paterna “morreu velha”, provavelmente nos anos 1960. Como atualmente ele tem 80 anos de idade, nascido no ano de 1934, certamente pode desfrutar do convívio com ela durante boa parte de sua infância e juventude. Ainda segundo ele, sua bisavó era “a mais velha da região” e que “todo ano ela ganhava um presente do doutor [pausa] Getúlio Vargas. Todo ano vinha um presentinho pra ela¹⁸.” Através de vários relatos, algumas pesquisas realizadas com descendentes de escravos, em pontos distintos do país, têm constatado a responsabilidade atribuída à Getúlio Vargas pelas mudanças nas relações de trabalho e até mesmo na garantia, de fato, da liberdade concedida pela lei de 13 de maio de 1888¹⁹, exceto no estudo empreendido por João Lucas Rodrigues que traz narrativas enfocando justamente o contrário²⁰. No caso do relato do Senhor Pedro, não há nenhuma menção a Getúlio Vargas nessa perspectiva, mas também não deixa de ser instigante a referência ao fato de o aniversário de sua bisavó ser comemorado todos os anos e receber um presente do presidente, por ser a pessoa mais velha da região. Seria somente por isso ou pelo fato de ela ter sido

¹⁷ Ver, especialmente, o capítulo III, onde trato da cultura material da elite sul-mineira, particularmente das “casas de vivenda e de morada” pertencentes à família Junqueira. ANDRADE, Marcos. *Op. Cit.* 2014. p. 142-171.

¹⁸ Entrevista, realizada pelo autor, com o Senhor Pedro José da Cruz, no dia 19 de junho de 2014, em sua residência, na cidade de Carrancas.

¹⁹ GOMES, Ângela de Castro e MATTOS, Hebe Maria. *Sobre apropriações e circularidades: Memória do cativo e política cultural na Era Vargas. Culturas políticas e usos do passado. História Oral, volume 1, Nº 1, São Paulo, 1998.* MATTOS, Hebe Maria & RIOS, Ana. *Op. Cit.*, 2005. WEIMER, Rodrigo de Azevedo. “O meu avô me contava”: Circuitos da memória da escravidão entre descendentes. Osório, século XX. *Anais do V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, 2011. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/weimer%20Rodrigo%20de%20Azevedo.pdf>. Acesso em: 06/03/2015.

²⁰ Na entrevista realizada com o Senhor José Mina, João Lucas Rodrigues constatou que Juscelino Kubitschek é quem assume o papel de Vargas, ao colocar limites contra o poder dos fazendeiros. A análise crítica do período Vargas talvez se explique porque o entrevistado tenha sido operário durante mais de 20 anos na cidade de São Paulo e depois retornou para a região da Serra dos Pretos. Ver: RODRIGUES, João Lucas. *Op. Cit.* 2013. p. 208-209.



escrava e o que isto poderia representar em termos políticos naquele contexto? Infelizmente, o relato do Senhor Pedro não nos permite avançar além dessas indagações.

Segundo o Senhor Pedro, em relação ao trabalho realizado por sua bisavó, na fazenda do Bananal, no tempo do cativo, ela “ficava com a filha da sinhá. Acompanhava a moça pra todo lado. (...) trabalhava muito. Mas era bem tratada. (...) E quando acabou a escravidão eles deram um terreno pra ela. Uma área. E fez um casa de pau-a-pique, né?”²¹ Em vários estudos realizados com os relatos de descendentes de escravos no país, a maioria das histórias não dizem respeito às experiências dos entrevistados, mas sim de seus pais, avós e bisavós. A memória coletiva é construída através de narrativas transmitidas de geração em geração, que oscila entre uma visão paternalista ou na violência da experiência da escravidão, quando enfatizam os castigos, a prepotência e a arbitrariedade senhoriais e as péssimas condições de trabalho. No caso analisado, predomina uma visão paternalista das relações entre senhor e escravo. Das histórias que sua bisavó contava, o Senhor Pedro se recorda que ela dizia que “trabalhava muito”, mas que “era bem tratada” por seus senhores, talvez por desfrutar de uma convivência mais próxima com família senhorial e em virtude do ofício que exercia, ou seja, de ser a responsável por cuidar da “filha da sinhá”. O entrevistado também destacou que sua bisavó não ficara desamparada com o fim da escravidão. Assim como outros ex-escravos daquela área, ela também teria recebido um terreno, na cidade de Carrancas. Ali foi construída uma casa de pau-a-pique, onde o Senhor Pedro passou boa parte da sua infância desfrutando do convívio com sua bisavó paterna e dos demais membros de sua família, o que lhe possibilitou, mesmo que de forma fragmentada, reconstruir parte de sua memória familiar, que ganha grande relevância se comparada e agregada a outras histórias de descendentes de escravos de nosso país continente.

²¹ Entrevista, realizada pelo autor, com o Senhor Pedro José da Cruz, no dia 19 de junho de 2014, em sua residência, na cidade de Carrancas.



Considerações finais

Conforme pude destacar, a análise preliminar dos resultados da pesquisa apontam tanto para a existência de uma memória do cativo quanto para a importância que a mesma ainda exerce no imaginário de uma parcela da população do município de Carrancas. Muitas das fazendas antigas, algumas delas bastante modificadas e que, atualmente, pertencem a grupos empresariais do agronegócio, guardam uma memória do passado escravista em suas edificações, de um tempo em criação de gado *vacum* e suíno, de muaras, a produção de queijo e até mesmo o cultivo do fumo fizeram a fortuna de muitos proprietários escravistas. Pelas primeiras entrevistas realizadas foi possível perceber que tanto descendentes dos escravos quanto das famílias senhoriais ainda permanecem na região. Ainda que não seja mais possível entrevistar aqueles que tiveram algum tipo de vínculo direto com a escravidão, seja na condição de escravo ou de senhor, de forma alguma a narrativa dos entrevistados pode ser invalidada. Assim como a maioria das atuais pesquisas acerca da memória do cativo para outras regiões do Brasil, o relato dos descendentes dos escravos tem sido de fundamental importância para compreender não só as permanências e reelaborações acerca da escravidão, mas também o registro das vozes e das interpretações dos descendentes daqueles que experienciariam o cativo e a liberdade. Considerando esses aspectos e a importância que os escravos tiveram na formação socioeconômica e cultural mineira, particularmente na comarca do Rio das Mortes, é que julgo de fundamental importância a realização de pesquisas que envolvam a história oral e o registro da memória do cativo na região.



Fontes

Entrevista realizada pelo autor com o Senhor Pedro , no dia 19 de junho de 2014, na cidade de Carrancas.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

ALMEIDA, Carla . *Ricos e pobres em Minas Gerais: produção e hierarquização social no mundo colonial, 1750-1822*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do estado Imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

BERGARD, Laird W. *Slavery and the demographic and economic history of Minas Gerais, Brasil, 1720-1888*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BRÜGGER, Sílvia M. Jardim. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João del Rei, séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. RJ: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FRAGOSO, João Luís Ribeiro. *Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro (1790-1830)*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FILHO, Afonso Alencastro. *A princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*. São Paulo: Annablume, 2003.

GOMES, Ângela de Castro e MATTOS, Hebe Maria. Sobre apropriações e circularidades: Memória do cativo e política cultural na Era Vargas. *Culturas políticas e usos do passado. História Oral*, volume 1, Nº 1, São Paulo, 1998.

LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação*. São Paulo: Símbolo, 1979.



LIBBY, Douglas Cole. *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LUNA, Francisco Vidal e CANO, Wilson. *Economia escravista em Minas Gerais*. Campinas: Cadernos IFCH/Unicamp, 1983.

MARTINS, Roberto Borges. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.

MATTOS, Hebe. Os Combates da Memória: escravidão e liberdade nos arquivos orais de descendentes de escravos brasileiros. *Tempo*, Niterói, Vol. 3, no. 6, 1998.

MEHY, Jose Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e voz, 2010.

RIOS, Ana Maria Lugão & MATTOS, Hebe Maria. *Memória do cativo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RODRIGUES, João Lucas. *Serra dos Pretos: trajetórias de famílias entre o cativo e a liberdade no Sul de Minas (1811-1960)*. Dissertação de Mestrado. São João del-Rei: Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

SLENES, Robert. *Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Campinas: Cadernos IFCH/Unicamp, nº 17, jun. 1985.

SOUSA, kátia Maria. Narrativas do tempo do cativo: memória oral e escravidão no Sul de Minas. *Anais do Congresso de Iniciação Científica da UFSJ*. São João del-Rei – 18 a 22 de novembro de 2013, p. 1-20.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. “O meu avô me contava”: Circuitos da memória da escravidão entre descendentes. Osório, século XX. *Anais do V Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, 2011. Disponível em: <http://www.escravidaoliberdade.com.br/site/images/Textos5/weimer%20rodrigo%20de%20azevedo.pdf>. Acesso em: 06/03/2015.